

Ilustração Portuguesa



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIEENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

LEWIS Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L.ª**
R. Nova do Almada, 6. 2.ª
telefone 2520 LISBOA



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais be-
rato vende, por ter
fabrica propria, é na

Camelia Branca
L.ª D'ABEGGARIA, 50
(ao Chiado) - Telf 3270

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra. — Diplomada com frequencia em massa-
gem MEDICA ESTETICA, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEdia E
MASSAGEM. — Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Anfiga professora diplomada inscrita e premiada
em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereço telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portuga e o mais important da Peninsula

3641 — C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade applicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talcó Rainha da Hungria — Contra a vermelhi-
dão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto
devido ás perturbações da circulação, pruridos, ecze-
mas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria — O mais delicioso e per-
fumado.

Creme Rainha da Hungria — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria — Extracto para assetinar e
aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria — Limpa e fecha os poros e
evita os pontos negros.

Pó de Erroz Rainha da Hungria — Magnifico para a
pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

N' venca em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

fazem-se nas
officinas da **"ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"**
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



A SR.ª DUQUESA DO PORTO

LISBOA, 21 DE JANEIRO DE 1922

UM ANO PASSA...

Um ano passa... folha que foi lida
No livro do Destino, livro aberto,
Mas sempre misterioso e sempre incerto,
Em que nós vamos soletrando a Vida.

Um ano passa... Continua a lida
No mesmo desejar sempre inexperto...
Sempre a mesma saudade... Outro vem perto...
Sempre a mesma ilusão... cedo per ida.

Acaba um ano... — placido ou nefasto —
Da carreira fatal, que pouco dura,
Vai-se marcando o transitorio rasto...

Acaba um ano... A grande folha obscura
Foi decifrada pelo mundo vasto...
E prosegue a despótica leitura.

MARIA DE CARVALHO

Dezembro 1921.

Ilustração de Cottinelli Telmo

NO TEATRO POLITEAMA

“ZÁZÁ”

A Zázá faz parte do repertório de todas as grandes actrizes como um amuleto. A Zázá, é a peça-camarim, o ardil que a actriz encontra para introduzir o publico na sua intimidade. O publico é o grande D. Juan das actrizes. Todas elas são Zázás perante a plateia. O publico é o Dufrene que as ama, que as ama, muitas vezes, até ao delirio, para as abandonar depois. Daí a preferencia de muitas actrizes pela Zázá. A Zázá é a unica peça em que as actrizes não precisam de sair do palco para entrar na vida... A Zázá é o drama dos bastidores, esses bastidores que constituem o unico scenario da vida das atrizes.

Lucilia Simões por não



No quarto acto Lucilia é perfeita, inatingivel. E' um corpo transformado em sentimento. Quando se representa assim, vive-se. Aquella Zázá do quarto acto não morreu com certeza. Deve ter ficado a morar em qualquer parte. As creações de Lucilia são episodios da sua vida, da sua outra vida. Erico afirma-se, neste acto, mais uma vez, um actor que tem a intelligencia de pôr cinematografia em todas as suas interpretações. Lucinda é, como sempre, a grande imitadora da Vida.

O quinto acto da Zázá é um acto que deslisa como um automovel de *carrosserie* discreta... Lucilia resuscita neste acto, elegante, distinta, senhora. Erico, neste acto, sabe olhá-la, como ela merece, com ternura e saudade.

ANTONIO FERRO

pertencer ao numero das actrizes-Zázás, teve de trabalhar mais do que as outras, teve de ser mais actriz, mais artista, portanto. O publico jamais foi infiel a Lucilia Simões, foi ela, quem lhe fugiu em pleno amor... Para Lucilia Simões conseguir ser a Zázá, teve que deixar de ser Lucilia, teve de aniquilar-se. As outras não. As outras, naquelas horas, limitam-se a mudar o camarim para o palco...

O primeiro acto da Zázá é, para Lucilia, o acto mais trabalhoso. Ela realisa-o a cima de tudo com *virtuosismo*. Lucilia desmancha-se, desarticula-se, emmaranha a sua linha, a sua linha admiravel, para, enfim, conseguir daro estouvamento da figura... Lucilia para conseguir fazer o primeiro acto da Zázá, tem de improvisar-se em gestos, colar a si uma outra Lucilia. Erico, em todo este primeiro acto, é duma elegancia notavel.

No segundo acto, Lucilia repousa do primeiro. Entretanto, a onda forma-se...

O terceiro acto é a mascara de Lucilia, mascara onde a alma é aza palpitante, a mascara onde a Boca é uma grande tragica, mascara tablado, mascara onde os olhos são os primeiras actores. Na tinta das expressões, na tela da epiderme Lucilia Simões é uma artista plastica.

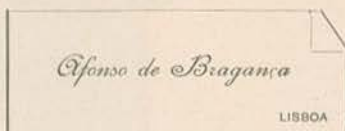




A ENTREVISTA DA SEMANA

A SR.ª DUQUEZA DO PORTO

NÃO me esqueci de que a senhora Duquesa do Porto é sentimental e americana. Por isso não lhe enviei o cartão onde ela necessariamente teria que lêr:



Sentimental, a leitura do nome evocar-lhe-ia a memória loira do seu Príncipe; americana, supor-se-ia alvo de uma *chantage*.

Fiz-me anunciar travestido de *Ilustração Portuguesa*. Recebeu-me sem demora. Quando subia as escadas outro jornalista descia-as.

A senhora Duquesa do Porto esperava-me, no meio da sala do *apartement 8-9-10*, 2. andar do *Avenida Palace-Hotel*.

Conhecia-a por fotografias nos jornais que desenhavam uma figura magra, daquela magreza angulosa das mulheres que passam os 50 sem nutrir. Supul-a sem outra mocidade além de essa, da linha.

Mas não. A senhora Duquesa do Porto, D. Maria Pia de Bragança, *née* Nevada com varios sobrenome

mes de outros maridos, tem ainda certa mocidade na cabeça pequena, abonecada, com uns olhos azues ou cinzentos — não me lembra bem — umas *pommetes* marcadas e estriadas de rosa e uma boca fina, já um pouco plissada, o que lhe dá o ar de a ter sempre comprimida.

Como o pescoço é muito alto a senhora Duquesa interrompe-o, precisamente ao meio, com uma fita negra.

Está de chapéu, — um *toque* pequenino — e toda embrulhada numa capa de veludo — tudo negro, evidentemente.

Quando me dirigi a ela, abriu mais os olhos e cerrou mais a boca. E em pé, com a mão esquerda apoiada numa *jardineira* e a outra sublinhando as suas palavras, em francês, a senhora Duquesa começou falando, devagar, cuidadosamente, pesando bem as palavras como quem dita:

— Estou muito grata ao governo português...

...E durante algum tempo a senhora Duquesa, com uma noção clara da sua situação oficial, foi-me dizendo frases protocolares, todas consagradas ao governo e ao chefe de gabinete de não sei que ministério.

Por fim, a senhora Duquesa parou, por não ter mais que dizer, oficialmente.

Foi então que, para estabelecer a intimidade ne-

cessaria para uma conversa de *magazine*, lhe declinei o meu nome.

A senhora Duquesa, ao contrario do que eu supunha, não se comoveu. Achou graça. Sorriu.

Começámos então a falar de coisas futeis, das coisas futeis que eu desejava.

Apesar de ser Nevada declarou-me sentir muito frio. Receiou que parecesse uma afirmação banal e repetiu, com convicção:

—Mas muito frio, muito...

E para o provar, abriu a sua capa, num gesto elegante, mostrando-me, por baixo, mais veludos.

—Vê? Por mais que me agasalhe, tremo de frio. Quasi que não saio de casa...

—Por causa do frio?

—Por causa do frio. Estou á espera de me habituar ao clima, para poder dar uns passeios.

—Mas lá fóra faz mais frio.

—Ha! pois faz; Em Madrid até cai doente.

E num *refrain*:

—Frio, muito frio...

Entendi dever fazer-lhe um madrigal:

—Pois tem feito um sol que parece de proposito para receber visitas reais, como a da imperatriz Zita e a vossa...

coquette. Tive curiosidade de saber o que lia a senhora Duquesa.

Explicou-me que o que a interessava mais eram os livros que se referiam á casa de Bragança. Mas lutava com a dificuldade de arranjar livros.

—Li um, que não percebi bem. Muito difficil. O escritor é muito profundo, muito subtil...

—Como se chama?

—*Cidade do Vicio*, conhece? A Cidade do Vicio... é Lisboa—explicou.

A quem a senhora Duquesa o diz... Não pudemos deixar de sorrir...

—Que mais?

—Li tambem o... *O Destronado*, conhece?

—Não, não conheço.

—E' dum escritor conhecido. Como se chama? Castelo Branco, não é...

Perguntei-lhe se conhecia o Eça. Conhecia. Abriu os olhos, num dilatamento de admiração.

Depois, perguntou-me pelos *novos*. Se havia escritores novos, romancistas...

Fiquei um pouco embaraçado. Indagou depois do valor de Mr. Norbers. Supuz que se tratava do jornalista Norberto de Araujo, que a entrevistou e lhe consagrou um artigo. Expliquei-lhe que era um jorna-



Na Camara Mortuaria de Sua Alteza o Duque do Porto

A senhora Duquesa riu. Fiz-lhe outra pergunta sacramental:

—Gosta de Portugal?

—Gosto, evidentemente.

Entre varias amabilidades ao nosso clima, contou-me o seu desejo de ficar a viver em Portugal, numa casa bonita, entre recordações de seu marido, a guitarra do infante, os seus *bibelots* da Ajuda...

—Fala português?

Que sim, que falava. Mal, mas falava. E compreendia-o muito bem. E exemplificou:

—Viú este jornalista que saiu? Pois não me disse uma palavra em francês. Compreendi-o perfeitamente.

—Com o Infante, falava em Português?

—Conforme. Falavamos, ás vezes, em francês, outras em italiano. Na doença, D. Afonso não falava senão português. Eu respondia-lhe em francês.

Falamos depois de literatura. A senhora Duquesa, como eu a interrogasse, em bom estilo de *magazine*, em que passava o tempo em Portugal, explicou que lia muito.

—Francês?

—Sim, francês e espanhol. Gosto muito do Blasco Ibañez Tambem leio português.

E sorriu, novamente, de orgulho, um orgulhosinho

lista distinto, mas que não tinha romances... A senhora Duquesa estava absolutamente interessada pelo movimento intelectual em Portugal e fez-me as mais minuciosas perguntas sobre a frequencia de escolas superiores em Portugal. A senhora Duquesa ficou radiante com os numeros que lhe indiquei Percebi-lhe uma grande deferencia pelos bachareis. Perguntou-me se eu o era. Expliquei-lhe que em Portugal, ao contrario do que era natural, o culto das letras interrompe os bacharelatos, e rompi com uma catilinaria contra os bachareis que mereceu alguns sorrisos e um ou outro riso da senhora Duquesa.

E, para fechar, uma frase interessante da senhora Duquesa, que se revelou, durante a conversa uma senhora inteligente. Perguntei-lhe:

—Até quando se demora aqui?

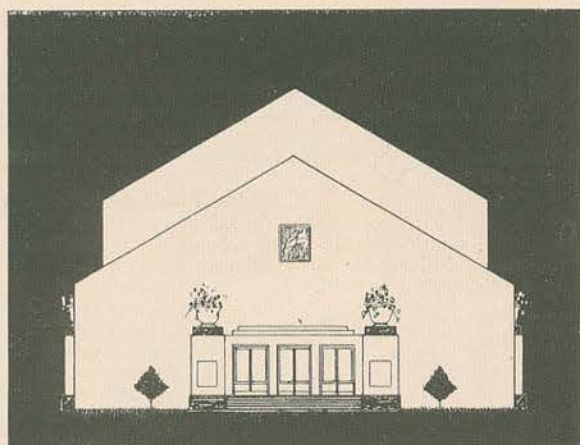
—Não sei. Estou á espera do barco em que vem o corpo de meu marido. Não tenho recebido novas. Não sei bem onde está; suponho que vem nas alturas da Argelia. Mas não sei, não sei.

E a tal frase é esta:

—Desde que nos amámos é a primeira vez que eu não sei onde ele está exactamente...

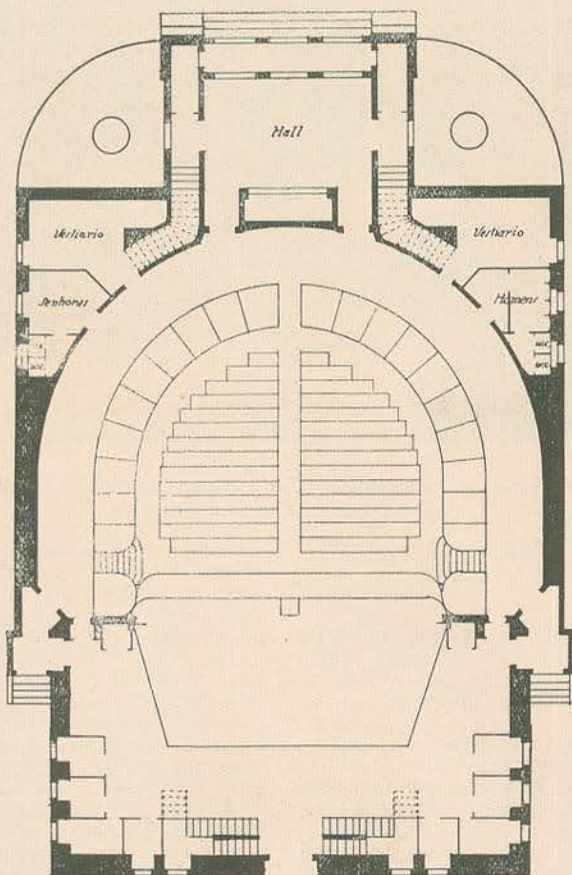
NA maioria dos teatros portugueses não ha camarotes, não ha *fauteuils*, ha só balcões... O teatro-arte é inteiramente desconhecido em Portugal. Os nossos empresar os não pensam um momento em lutar com as plateias, deixam-se vencer por elas, com uma submissão revoltante. E é assim que em Portugal não existem os dramaturgos. — Poetas, um d'Annunzio, um Maeterlinck, um Maurice Magre .. Iniciativas como a do Teat'ro dos Campos Elísios, como o Teat'ro de Vieux Colombier, e tantos outros não se conhecem entre nós. Figuras como as de Antoine, Gemier, Lugné Poë, se existem, não encontram o ambiente propício para se afirmarem.

Não ha em Portugal os teatros para raros apenas, onde a Arte a grande Arte tenha um ritual. Não ha um Teatro - Arte, onde não vá o publico, onde vá apenas uma *elite*, tresentos, quatrocentos, quinhentos devotos . . E não é porque entre nós não haja artistas, não haja actores que tenham um sonho de arte... Actores, poetas, scenografos —ha... O que não ha



A frontaria

UM TEATRO DE ARTE



A planta terrea

são empresarios, o que não ha é um Astruc, o animador do Teatro dos Campos Elísios. Os nossos olhos estão impossibilitados de tornar a ter a felicidade dos bailados Russos, porque da sua primeira vinda a Portugal eles não encontraram aquella atmosfera de carinho que teriam tido

são empresarios, o que não ha é um Astruc, o animador do Teatro dos Campos Elísios. Os nossos olhos estão impossibilitados de tornar a ter a felicidade dos bailados Russos, porque da sua primeira vinda a Portugal eles não encontraram aquella atmosfera de carinho que teriam tido

Este teatro procurará ser construido no Parque Eduardo VII, no parque das revoluções, para que

mais uma revolução lá se dê, uma revolução serena de principios e de imagens.

Muito em breve no salão da *Ilustração Portuguesa* começa a ser dados os primeiros passos para a efectivação deste sonho. Que todos aqueles que se julgam em Portugal, osexilados da Beles, se reu-nam á volta de José Pacheco e de Antonio Ferro para a que, duma vês para sempre, se implante a Europa em Portugal.

E' preciso provar áqueles que atacam, com tanta deselegancia, os artistas novos, que eles não descansam, que trabalham sempre. Acusam-nos de sonhar muito. E' verdade. Eles sonham muito para conseguir algumas realidades.

O projecto do teatro de arte, cuja ideia hoje lançamos, é bastante vasto. Os seus autores, José Pacheco e Antonio Ferro, publicarão em breve uma *plquette* onde o projecto terá toda a extensão. Por hoje, limitamo-nos a despertar a curiosidade dos nossos leitores com algumas palavras de apresentação do projecto. A construção deste teatro torna-se urgente. E' preciso abrir um parentesis de beleza nesta terra de politiqueros que só con-

seguirá redimir-se, quando, um dia, se transformar numa terra de artistas.

E' possível que o projecto fique em sonho, nem por isso os seus auctores desanimarão.

S eles não levarem bom fim a sua ideia, ela fica ao dis-pôr de todos aqueles que tenham sensibilidade e energia para a levar a cabo.

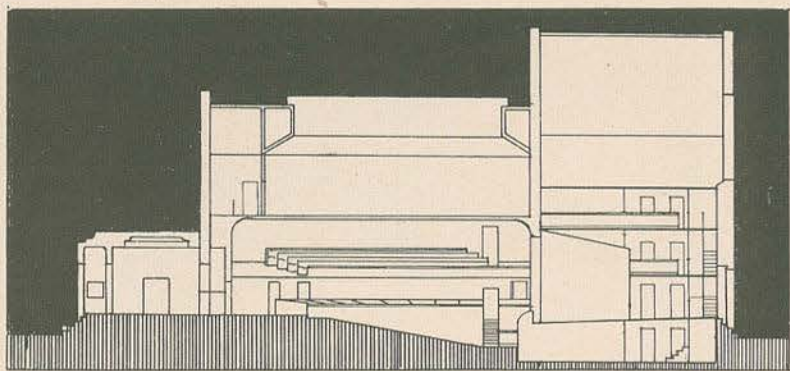
E' preciso crear, entre nós,

o culto da beleza, espalhá-lo por templos, até que se venha a construir uma grande catedral. E' a primeira pedra dessa catedral que se pretende lançar com esta iniciativa.

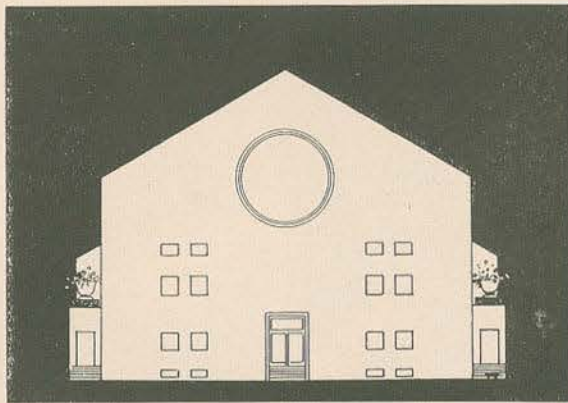
Justo é que os autores do projecto sejam ajudados por todos os devotos da beleza.

Alem duma companhia portuguesa que funcionará, todos os anos, contam os autores do projecto trazer a Lisboa, em *saison* a companhia dos Bailados Russos de Dagilew, o teatro de *Chauve-Souris* os Bailados Russos de

Boerlein, Ana Pavlowa etc. etc... Contam tambem organizar uma *tourné* de conferencias de alguns dos escritores estrangeiros mais celebres.



Corte longitudinal



Fachada posterior



ARTISTAS LIRICOS



ELSA BLAND

A GRANDE INTERPRETE DE WAGNER ACTUALMENTE EM S. CARLOS



O presépio da Basilica da Estrela

P R E S E P I O S

PASSOU a moda dos presépios, e foi pena.

Ainda hoje êles se armam na provincia, mas quasi só como um brinquedo infantil, sem a importancia nem a beleza dos de outrora.

Grandes sínteses da vida, em barro ou em pasta, de presépios, que em Portugal é uso attribuir todos a Machado de Castro, eram um comentario interessante, o gracioso resumo duma época, com os seus tipos populares, as suas figuras rusticas, os seus fidalgos, os seus escudeiros, as suas colarejas e os seus zangaralheiros.

O seculo XVIII, solene e pueril, bucólico e luxento, foi, êle proprio, um presépio, e

datou os presépios mais celebres, esse de Antonio Ferreira, na basilica da Estrela, aqui reproduzido.

Evocação deliciosa dum periodo amaneirado, em que reinava o gosto de quanto parecia e não era: das falsas ruinas, das pastorinhas a fingir, dos zagais de brincadeira.

As suas horteloas, as suas lavadeiras, os seus magos sumptuosos, os seus mendigos humildes, são um documento precioso da habilidade gracilima dos barristas de antanho e a confirmação de que o vaqueiro inaugural de Gil Vicente criou, após o perespério da rainha, não só toda uma arte dramatica, mas tambem uma arte plastica, dando vida á scena e dando scena ao barro

MANOEL DE SOUSA PINTO



CONTAS DUM ROSARIO HISTORIA DUM CORAÇÃO



A alma imaculada deste papel fiz um espelho para os meus pensamentos: — e olhei as frases que aí ficam.

Enganei-me. Eras tu quem via bem. Realmente de longe vejo-te melhor. A tua influencia sobre mim desfaz-se.

Já não és a montanha. Somos ambos planície.

— Ficamos à mesma distancia do Céu!

Fugi-te quando me procuraste, porque desde logo pressenti, que os nossos cami-

nhos haviam de levantar-se um contra o outro, como duas serpentes inimigas.

«O que eu me enganei contigo», disseste.

— Fica-me a consolação de não ser eu quem te enganou.

Da Arte fiz a suprema razão da minha existencia, o doloroso motivo do meu orgulho.

No seu altar sacrifico a minha vida.

— E sacrificaria a tua vida, o mundo!

Fujo de pôr sensibilidade na vida porque me não pertence. Devo-a aos outros em poemas.

Desde que te conheço nunca mais escrevi uma linha.

— E's uma labareda.

A minha sensibilidade não chega para tu queimares.

Hão de lembrar-me sempre estas palavras que um dia me escreveste:

— «E' tão bom não pensar, entregando-nos a nós mesmos, deixando-nos ir na corrente... Caminha-se para um abismo? Nada importa, desde que não olhemos para traz de nós. A vertigem da queda é o prazer mais alto. Depois, depois...»

No meu lar antes da felicidade procurei a serenidade na dôr: — para mais intensamente viver a dôr das almas que existem dentro da minha.

A tua verdade anda sempre mascarada. E eu, à minha, quero-a imaculada e nua: — fosse a felicidade uma ave azul que só podessemos aprisionar usando frases subteis, mas ôcas e artificiais, tamanho horror lhes tenho, que mais depressa a deixaria fugir.

A melhor razão das coisas fica sempre calada.

— Para que nos obstinamos infantilmente em dar as outras razões?

Pesa sobre os homens a fatalidade de viver torpesos: e quando se arrostando na lama

é que os seus olhos anciosos se erguem mais altos para o Céu.

— Assim o teu amor.

Usas lançar-me em rosto a velha frase de que te não mereço.

Tens razão.

— Nós só merecemos quem nos mereça a nós.

Não sei abdicar. Sou demasiado egoísta para seguir alguém.

— Se me quizeres, terás de vir comigo.

A's vezes são tamanhos, tão profundos o meu despreso e o meu rancor por ti que chego a perguntar-me desconfiado:

— Eu gostarei assim dela?

Acordei hoje numa lassidão imensa. O tédio esmaga-me.

E nesta hora duma melancolia cinzenta riscada a gritos de angustia, apetece-me chorar sobre o teu seio.

Esta hora pertence-te.

Não; atraíçoei o meu pensamento:

— Sei eu que te pertenço nesta hora.

Ah, como hei-de sentir-me forte e orgulhoso de mim, quando ao voltares eu possa olhar-te desdenhoso, mordendo nos lábios um grito de alegria, imobilizando nos braços a ansia infinita de te apertar ao peito!

Assim o coração me não denuncie, e tu o não oiças bater!

AMERICO DURÃO

*Desenhos de
Bernardo Marques*



O IRMÃO BURRO

(PARA AS CRIANÇAS)

ERA uma vez, em tempos que já lá vão, um casal de camponios, abastados de bens do mundo, mas desamparados da harmonia que deve existir entre casados e que viviam numa aldeia situada nas faldas da Serra de Nogueira.

Tanto a mulher era meiga, resignada e compassiva, quanto o marido era violento, despotico e avaro.

Certa noite frigidissima, a tempestade rugia na sua maxima intensidade. As casas, sacudidas pelo vendaval, tremiam nos seus alicerces. Sentados ao calor suave da lareira, o homem resingava contra a suposta prodigalidade da mulher e esta, como de costume, respondia com um maguado murmuro de orações aos santos do céu, preparando-se para receber pacientemente a sova habitual com que o marido terminava os monologos.

Duas leves pancadas na porta da rua interromperam as asperas

inectivas do homem e o surdo pavor da desventurada aldeã.

— Quem é? — perguntou mal humorado o avarento.

— Uma velha pobresinha, perdida na serra, que pede acolhida!

— Vá com Deus, santinha, aqui não é estalagem — resmungou o mau homem.

— Entre, tiasinha, e aqueça-se — respondia ao mesmo tempo a mulher, abrindo a porta á vian-dante, uma velha engelhada pelos anos e coberta de andrajos.

— Esta mulher, esta desgovernada! — rangia entre dentes o camponio, com os punhos cerrados e jurando no seu intimo duplicar a dóse costumada de pancadaria, na boa consorte.

A velhinha aqueceu-se, tomou um pouco de caldo que, sob os olhares furibundos do marido a aldeã lhe deu e renovou o seu pedido de albergue para essa noite de temporal desabrido.

— Nem mais um instante aqui, sua feiticeira — retorquiu o dono da casa.

— Deixa-a dormir no palheiro! — suplicou a mulher.

— Rua! — ordenou imperativo o aldeão.

— Seja pelo amor de Deus! Venha então vocemecê comigo até ali fóra, para me ensinar o caminho para a vila.

— Vamos lá! — acedeu pronto o homem levantando-se, no receio de que a pobre ficasse ali de noite.

Esta agradeceu á hospedeira a sua caridade e retirou-se, fechando a porta sobre si.

Passos volvidos, quando o camponez se preparava para reentrar em casa, depois de apontar á velha o caminho a seguir, sentiu no pescoço o atrito duma corda e um tremor convulsivo nas pernas, enquanto ouvia esta sentença tremenda:

— E's um malvado e eu sou uma fada. Pelo poder da minha rainha te transformo em burro por um ano!

O homem quiz falar. Mas aí! só um prolongadissimo, um atroa-

dor zurro ecoou pelas quebradas da serra e foi morrer ao longe.

Ditas aquelas palavras fatidicas, a velha bateu á porta dum lavrador visinho e entregou-lhe o jumento, recomendando:

— Guarde-me aqui este animal por um ano. Faça-o trabalhar e não lhe poupe as pancadas, porque é muito berrento e manhoso. Póde alimentá-lo só a palha. Não está acostumado a mais nada. É mau; é preciso amansá-lo.

Um ano decorrêra sobre o misterioso desaparecimento do camponez, sem dele a sua mulher ter novas ou mandados. Vestira luto e varias vezes lastimara o ter cedido á sua generosidade em acolher uma desconhecida, porque ele era muito mau, mas era o seu homem...

Corta o silencio da noite um ligeiro ruído e uma voz triste implora:

— Minha querida mulher, recolhe-me.

A boa criatura apressa-se a abrir a porta e lançou-se nos braços do marido, palido, magro, derreado, o pescoço cheio de cicatrizes.



— Ai homem da minha alma, que não morreste!

— Não mulher. Não morri e venho muito mudado para ti. Vou tratar-te bem como mereces. Mas não me abrases nas costas

que as tenho doridas da albarda!

Um zurro sonoro como uma trombeta de guerra atravessou de extremo a extremo a paz da aldeia.

O camponez desprendeuse-se lesto da ternura da esposa e preso duma agitação indomável bradou:

— Ovos, chouriços, um presunto! Depressa, mulher!

— P'ra quê, homem?

— O meu irmão-burro tem fome!...

E diante do espanto da mulher que lhe entregara os generos pedidos, dirigira-se á loja. Enquanto acariciava o seu burro e o regalava com aquela inesperada ração, dizia compungido á sua companheira:

— Alguma fada o castigou, coitadinho, por tratar mal a mulher e não ter pena dos pobres!

E beijando no focinho o jumento e fitando-o nos olhos exclamou, convicto e piedoso:

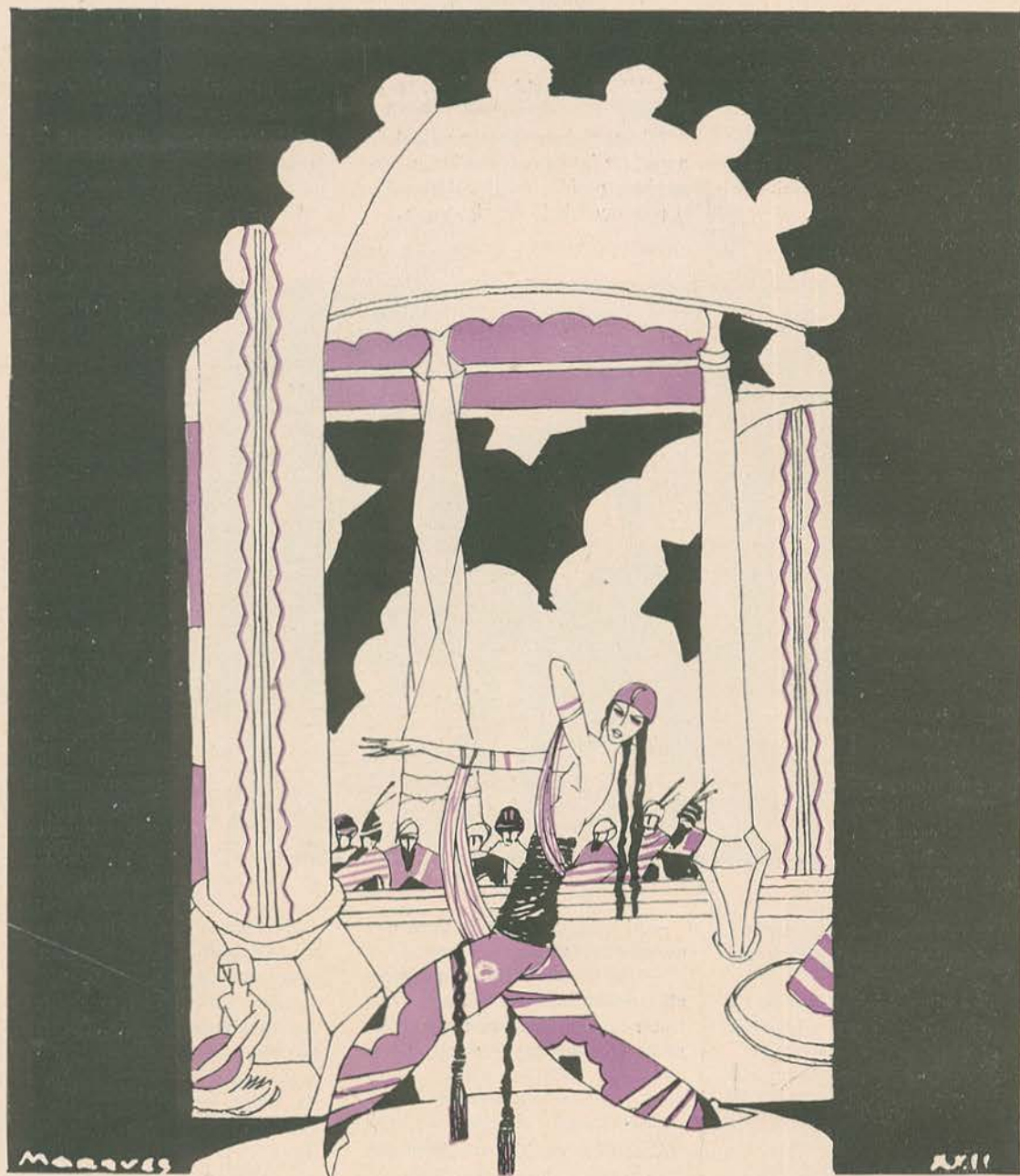
— Eu te aliviarei no teu encanamento, meu desgraçado irmão burro!

(Recolhido em Traz-os-Montes)

EMILIA DE SOUSA COSTA



Ilustrações de Rocha Vieira



T A N A G R A

DESNUDA-LHE o eburneo colo o bolero negro entreaberto, e lança-lhe por sobre ele as madeixas loiras, o ritmo fogoso duma dança estranha...

As luzes vermelhas parecem derramar licores, que ponham manchas policromicas pelos mosaicos mouriscos.

A musica ao longe, evoca mil desejos despertados; ha notas que são gritos, de instrumentos possuidos...

E a formosa bayadera, a bailarina arabe, vai bailando.

Uma coluna, irmã d'aquelas outras que como dedos duma mão de porfiro, sustentem as curvas ogivais das arcarias, encobre-lhe, esconde-lhe os olhos de Alguem.

E é só para esses olhos que a não veem, que ela dança.

E é só por eles, que se lhe desarticulam os braços, e quasi lhe estalam os artelhos...

Que lhe importa o Atrio repleto das mulheres que a fitam, de Pachás e Senhores que a desejam?!

Que lhe importa, se já nem sente a música, nem quer distinguir cadências!...

O ritmo do bailado, baila-lhe no sangue que ferve...

E por isso ela se enlaça nos próprios braços, que a pouco e pouco, aos poucos a desnudam.

As luzes fizeram-se mais vermelhas, e subiram mais alto as espiraes de som.

Fascinados, atraídos, debruçam-se os olhos pelos rostos...

Na velocidade epileptica dos movimentos cada atitude é uma nova bailarina, que do corpo d'ela, enfim solta, voasse... dançasse também!

Os olhos d'ela, de ha tanto fitos na coluna, fizeram-se roxos da côr do porfiro, da côr do luto de não ver alguém.

Mas está certa, que ali, ali detraz d'ela, ao começar o bailado a fitaram uns olhos!...

Uns olhos que não chegou a ver, mas que sentiu, e sente ainda a queimaram-lhe a pele.

Transfigura-se; é outra em cada instante...

Os lábios que ha pouco sorriam, apertaram-se; os braços que foram azas, fecharam-se-lhes inertes sobre o corpo...

Emudeceu a orquestra.

O morrer das notas embala o passos derradeiros da bailarina exausta...

As mãos embriagadas deliram; ha bôcas secas de gritar...

E o brouhaha dos aplausos transforma-se-lhe, nos olhos em brilho, nos lábios em sorrisos.

Mas, de repente sentiu de novo que alguém a fitava,

E foi numa ansia louca, leonina que se arremessou fremente e altiva, para ir abraçar a coluna impassivel e muda...

Caminhou para ela, avançando o rôsto, onde a bôca sequiosa, de lábios entreabertos, parecia concentrar em si, a vida intensa de todo o corpo.

De um salto contornava a coluna... Mas... parou!

Deante d'ela havia apenas, um fauno de pedra, escancarando a bôca numa gargalhada má!

MANUEL COLLARES PEREIRA



ACTUALIDADES



O feretro do actor Pato Moniz, à saída da casa do ilustre extinto



Na Legação de França. O jantar em honra de Mr. Berthelot, a que assistiram a ilustre poetisa D. Virginia Vitorino e o sr. Eduardo Burnay

(Clichés Garcez)



A CASA DE LENA DE VALOIS

A fachada anónima dum palacete da Avenida Augusto de Aguiar encobre misteriosamente aos olhos de Lisboa um dos mais sumptuosos e confortáveis interiores de Portugal. Ninguém sonha, ao recar as janelas da casa de Madame Judith Teixeira — a elegante escritora que se esconde sob o pseudónimo perfumado e subtil de Lena de Valois — a riqueza, o conforto, sobretudo o harmonico bom gosto que se vive a dentro dessas paredes.

Desde o «petit coin» de trabalho, à sala oriental, forrada inteiramente de brocados e damascos, desde a sala de jantar, de maravilhosa talha Renasçença, ao quarto de cama, onde o leito de Carlota Joaquina, de mogno queimado e cisnes de ouro põe uma nota de opulenta magestade — em tudo, essa casa — verdadeira cidade gigantesca do bric-à-brac — se torna estavel.

Ouro, damascos, re-



liquias, preciosidades, joias de pintura primitiva e estatuas originais de bronze e de mármore — são o cenário que usa na vida a escritora Lena de Valois.

A *Ilustração Portuguesa* fornecendo hoje aos seus leitores alguns aspectos dessa magnífica habitação cumpre um grato dever de bom gosto. Fixar a casa do advogado Alvaro Teixeira e de sua esposa, é fixar uma obra de arte — de arte difícil, atraente e elegante, que é a arte do «sweet home». E, nunca melhor que «chez madame Teixeira» sentimos o encanto que pode traduzir esse velho pensamento inglês.

A casa tem na vida uma influencia tão grande — a sua decoração, o seu ambiente é para os sentidos um alimento tão forte e tão constante que ao ouvirmos lêr, na meia luz calma dum «abât-jour» uma peça de madame Teixeira, nós não podemos distinguir em absoluto o espirito encantador da escritora do ambiente encantador da casa

A "POULE" DE TIRO PROMOVIDA PELO GUN-CLUB



O Sr. Joaquim Ereira



O Sr. Araujo e Gama



O Sr. José Coelho da Cunha



O Sr. Carlos Pinto Basto
Vencedor do 1.º premio



O Sr. Pereira de Mello



O Sr. Dr. Costa Pinto



O Sr. Leite de Faria

(Clichés Salgado)

A "POULE" HIPICA EM PALHAVÃ



Um salto interessante



O sr. Manuel Gomes



Um aspecto da assistencia



O sr. Manuel Latino

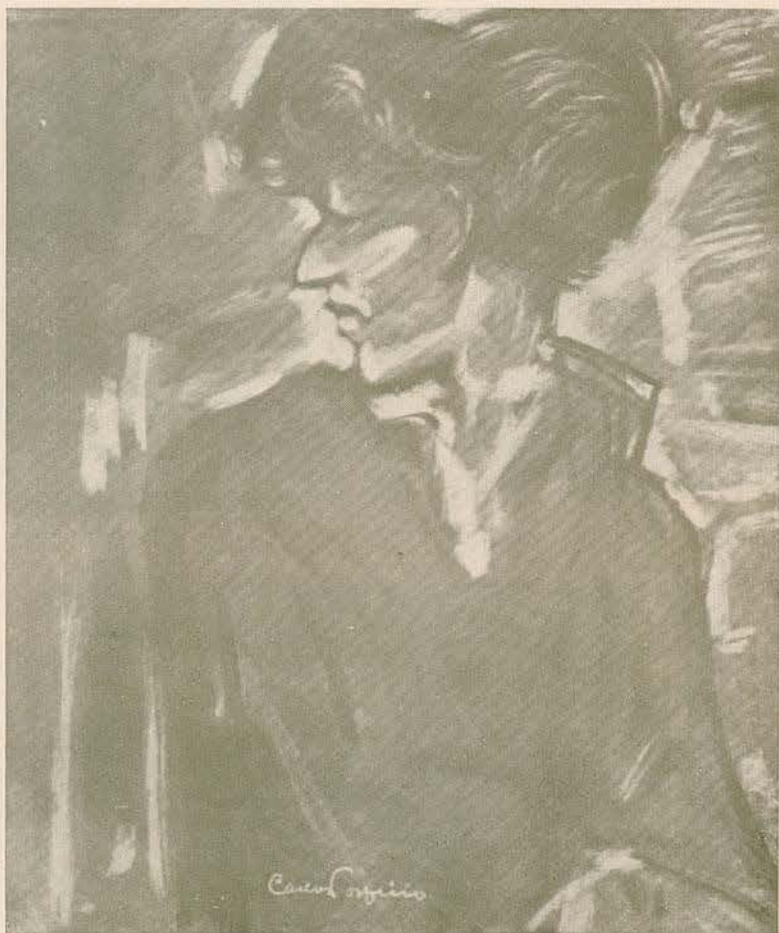
(Clichês Garcez)



*O sr. Jorge Oom, vencedor da primeira
«poule» hipica de 8 de Janeiro*

A
S

e
x
p
o
s
i
ç
õ
e
s



C
A
R
L
O
S

P
O
R
F
Í
R
I
O

Retrato de L. M.

UNS vinte e cinco anos que prometem, e começaram por expor em Sevilha, onde um jornal lhe atribuiu *un talento barbaro...*

Carlos Porfírio, que não chegou a completar o curso da Academia, e muito aproveitou com as lições de Heussmann, professor da Escola Industrial de Faro, tenta, afirmar-se agora pela primeira vez, no salão cá da revista, reatando o quebrado fio das exposições.

Não direi que a sua série de guaches e pasteis marque definitivamente; mas é, sem dúvida, uma boa promessa, na qual já algo merece salientar-se.

Começa por ferir uma nota fora do vulgar que cá se faz, sem aliás — descansem os timoratos! — de longe sequer, aspirar às mi-

rabolâncias das escolas da vanguarda, a não ser, o mais discretamente possível, em duas ou três figuras, das poucas que nos mostra, onde o modo de acentuar os planos, como na *Bailarina* e no *Café cantante*, tem afinidades, simples afinidades, com o cubismo bem entendido.

Sem se cobrir com o manto da sua certidão de idade, Carlos Porfírio é melhor do que um novo, sujeito, como todos, a deixar de o ser. É um moderno, que, depois desta revelação, cria a responsabilidade de continuar e vencer.

Para a novidade que as suas obras representam, até certo ponto, em Portugal, contribue em parte o seu processo da guache reforçada a pastel, e bastante, a influência do seu encaminhador, que lhe transmitiu

normas de visão e execução muito do agrado dos decorativistas de Munique.

Por enquanto, Carlos Porfírio não é um pintor, no rigoroso sentido. Guachista interessante, não imagino o que dará manejando o óleo, menos fluído e mais preciso.

Tem pintado quadros, mas não incluiu nenhum na sua estreia, composta de trinta

e as nuvens se combinem e se equivalham musicalmente.

Certos temas absorvem-no, obsidiam-no, mas sem nada de literário a complicá-los. A frequência de determinadas palavras no seu catalogo indica as simpatias do artista. *Alvorecer* repete-se quatro vezes. *Crepusculos*, há cinco. São duas das *Noites de*



Cais de Olhão

e dois cartões, onde quem mais nos prende é o estilizador das horas fugidias, em que o céu arde, as folhas remoinham, ou a noite algarvia pulsa de obscuridade luminosa.

Crepuscular sonhador, moçamente ávido de fixar momentos irrepetíveis, apaixonado pelas saudades solares que á noite doe ver apagar no horizonte, êste algarvio de expansiva meditação é um ritmador de céus e paisagens; um envolvente, a procurar fundir terra e atmosfera no mesmo concerto dominante, fazendo com que as ondas do terreno

nevoeiro. Outros titulos obedecem á mesma orientação: *Anoitecer*, *Antes da lua*, *Poente de inverno*, *Tarde na Serra*.

O que o preocupa e interessa mais não é o sitio, nem o pitoresco. E' a côr exangue ou a côr agonizante; a côr queimada, ferrujenta, do *Planalto*, a côr orquestrada do lindo *Poente de inverno*, n.º 25, e sobretudo um roxo dolente, lioso, amorado, que Carlos Porfírio domina e variega excelentemente. O roxo, muito seu, que sobranceira, em rajada de ametista o carinhoso *Crepús-*

culo n.º 2. O roxo vulcanico do *Crepúsculo* n.º 18.

Dos seus *Nocturnos*, nem todos felizes, alguns tirantes a fotografias veladas, é delicadissimo o n.º 8.

Quando acorda, ante mais claros assun-

E' entre o nocturnista, seduzido pelos mistérios vesperaes ou diluculares, e o anotador deslumbrado pelas vibrações diurnas do Algarve — seu «ateliê ideal» — que se há-de travar, que já anda acesa, a luta da alma e da arte dèste rapaz com ótimas qua-



Volta da pesca

tos, claro é que a sua maneira diverge, principalmente por que diverjem os tons.

Diante da côr que grita e se alegra, o noctâmbulo cede o lugar ao policromista, que, com traços rápidos, aponta em Estoy a rutilância da *Feira*, em Olhão a garrida, quasi moira, *Rua do Rosário*, do n.º 14, e a animada *Volta da Pesca*.

lidades para poder vir a ser um ilustrador inspirado ou um pintor de destaque.

Teremos, espero, ocasião de assistir às fases do duelo. Assim Apolo, deus do sol e também da beleza, lhe dê o que ainda lhe falta e o esclareça sôbre as possibilidades dos seus recursos!

MANOEL DE SOUSA PINTO



*Alguns oficiais do Exército português na visita de cumprimentos ao sr. ministro da guerra
(Cliché Garce)*



O sr. José Nunes de Carvalho, falecido recentemente, filho do acreditado comerciante da praça de Lisboa, sr. Joaquim Nunes.



O general sr. Martins de Carvalho, recentemente falecido em Coimbra

OS LIVROS DA SEMANA



D. Berta Leite

LENDA DA PRAIA DO GUINCHO, por D. Berta Leite.

Aparecida ha pouco nas montras dos livreiros numa edição sobria e elegante a *Lenda da Praia do Guincho* desde logo nos surpreendeu agradavelmente porque sendo duma senhora, não era o livrinho tradicional das estreias.

Ainda bem.

Escreito numa linguagem desprestenciosa e amavel, todo o livro se lê com prazer e num interesse crescente, deixando-nos encantados pela fina delicadeza com que a Senhora D. Berta Leite nos conta a vida e amores da pequena Dulce, filha de pescador, e humilhes com o nobre fidalgo cavaleiro D. Pedro.

Em todas as paginas prepara aquele doce e vago perfume de poesia que fórma o ambiente proprio ao desenvolvimento da lenda.

SOL DE MAIO, de Artur Araujo.

—Um livrinho de cem quadras e, cremos nós, que uma estreia.

A quadra ao geito popular, diz toda a gente, e apesar disso é verdade, é dos generos poeticos mais dificeis, desde que pretendamos deixar em cada uma certa impressão de graça ou de beleza. Mas é tambem duma facilidade extrema se, excessivamente modestos, pomos de banda tão legitima ambição.

No *Sol de Maio*, do Senhor Artur Araujo ha, bem á vontade, uma duzia de quadras bonitas, outras razoaveis e algumas sinceramente más.

De resto é simpatica a maneira desprestenciosa como o auctor se apresenta.

Das quadras inegavelmente bonitas destacamos esta:

Teu cabelo escuro e torvo,
D'um mar negro de escos hos;
Lembra-me as azas dum corvo,
A querer pousar nos teus olhos.

OUTONOS, de Mario Simões Dias.—Uma das coisas más que podem succeder a um escritor é ter atraz de si a responsabilidade dum nome. Ha dois riscos: o primeiro — ter menos talento; o segundo, e esse éo preferivel — ter mais talento.

Não quero agora cuidar disso. Estes versos dum poeta ainda muito novo, impressionam-me e interessam-me pela evidente sinceridade que os inspirou.

Outonos é um livro ainda imperfeito em que as influencias de Antero, Nobre, e Eugenio de Castro são demasiado directos, mas revela um belo temperamento de poeta, de uma religiosidade calma e espiritual.

Por vezes sóbe-lhe aos olhos uma lagrima, outras acode-lhe aos labios um travo de blasfemia, conservando quasi sempre o calmo perfume de um sorriso resignado e generoso, com que perdôa a Deus os seus males.

No soneto que transcrevemos a influencia de Antero é manifesta mas facilmente se lhe perdôa porque o poeta deixou nele muito da sua propria sensibilidade:

Mas Deus, sim, quem é D us? onde é
que habita
Essa visão aureolada e pura,
Essa luz de esperança e de docura,
Que do além nos olha e que nos fita?

Onde é que mora a lampada bendita,
Que nos enche de luz a vida escura,
Este val de desgracia e d'amargura
Onde o nosso viver p'ssa e se agita?

Onde é que vive Deus? Ah! se eu pudesse
Do cobrir o caminho duma prece,
Eu era crente como o maior crente.

E eu advinho Deus, pre slinto-o sim;
Mas como asa que corta o Céu sem flir,
Da qual só vejo a sombra vagamente.

Com muito prazer dizemos ao poeta da nossa simpatia e do nosso respeito.

PAÇOS DO ENCANTAMENTO,

drama em dois actos, por Narciso de Azevedo—Porto.—O poeta dos Rittmos da Hellada vem agora de publicar um poema em prosa—*Paços do Encantamento*—a que deu forma dramatica, sem ter, ccratamente, a intenção de o fazer representar.

Todas as estranhas figuras deste drama giram em volta de D. Duarte, um conde que faz do culto da Beleza a sua religião mais alta, ou melhor, a sua unica religião. Por ella sacrifica a esposa e vinte anos



D. Beatriz Delgado

mais tarde a sua propria filha, a cuja esbelteza dedicara o melhor da sua vida.

No primeiro acto o interesse é frouxo, embora tenha frases tocadas de beleza e a acção se esboce. No segundo, marcadamente melhor, as qualidades vincam-se, ha mais estranhesa, paira no ar certo sopro de fatalidade e de loucura, envolvendo as pessoas e as coisas.

Mas todas aquellas figuras teem uma só alma que o sr. Narciso de Azevedo reparte e distribue desigualmente. Talvez essa alma seja a do autor, quere-nos, porém parecer que a sua intelligencia contribuiu muito mais para a feitura destes *Paços do Encantamento* do que a sua sensibilidade.

Não conhecendo o sr. Narciso de Azevedo senão através dos seus livros *Rythmos da Hellada* e *Paços do Encantamento*, imaginamo-lo uma pessoa calma, fria, erudita.

AMOROSA, sonetos, por D. Beatriz Delgado.—Recebido por toda a critica o mais gentilmente possivel—sem um unico voto discordante—cremos que, este livro, constituiu sob qualquer ponto de vista um lisongeiro successo de que a sr.^a D. Beatriz Delgado deve sentir-se justamente orgulhosa.

A poetisa dividiu-o em tres capitulos: do amor; da magua, dos outros. Em todos os sonetos, e principalmente nos da primeira parte, transparece uma grande vibração, e uma sinceridade invulgar no mundo literario feminino.

A sua autora é certamente uma natureza ardente e apaixonada que facilmente, sem preciosismos, consegue dar-nos essa impressão desde o primeiro ao ultimo verso.

A. D.

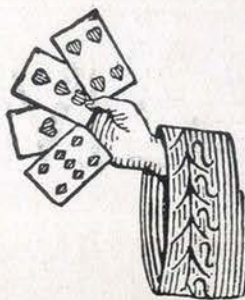
O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quiromancias, cronologia e fizio-logia e pelas aplicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 às 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos p. ra resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquerdo).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS do "SÉCULO"

Preço: 20 centavos

Alfaiataria Cabral

DE
Manuel A. Cabral & C.ª

Fazendas de novidade para verão.

Confecções para homens e senhoras

R. do Ouro, 170, 1.º

Telef. C. 3060 — LISBOA



Machina de escrever HAMMOND "MULTIPLEX"

A unica que ESCRIVE EM MAIS DE UM TYPO DE LETRA; mudança que faz em um segundo

Nenhuma ha mais PERFEITA, mais COMPLETA, mais RESISTENTE e ECONOMICA.

Depositarios exclusivos: Gilman & Gilbert
130, RUA DA PRATA — LISBOA

DOENTES

A Moderna Terapêutica Magnética e Psíquica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa e mental por grave e antiga que seja; assim o tenho afirmado na minha longa pratica no estrangeiro e aqui pelas importantes curas que tenho realisado.

Os que estão cansados de sotrer não devem, pois, hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-físico-magnéticos e dietéticos

De cujos favoraveis resultados me responsabilizo.

P. Indiveri Colucci

T. C. JOAO GONÇALVES, 20, 2.ª Esq. — Esquina da A. Almirante Reis (ao Intendente)

Constipações, influensa reumatismo

Curam-se rapidamente com os comprimidos de

«IDRAPIRINA RIEDEL»

O melhor dos remedios alemães

A venda nas boas farmacias

Deposito: MATTOS, CALLEJA & C.ª, L.ª

69, Rua do Carmo — LISBOA

CASA RUBI

Telefone: Centro 3851

Iluminação, higiene e aquecimento.

120 — R. DOS RETROZEIROS — 122

LISBOA

CREME AU ROSE BLANCHE

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS, FARMACIAS E DRO-

GARIAS

DEPOSITO GERAL

Fernandes, Almeida & C.ª L.ª

R. DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º — LISBOA



Trabalhos tipograficos

RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

A GRANDE TERAPEUTICA

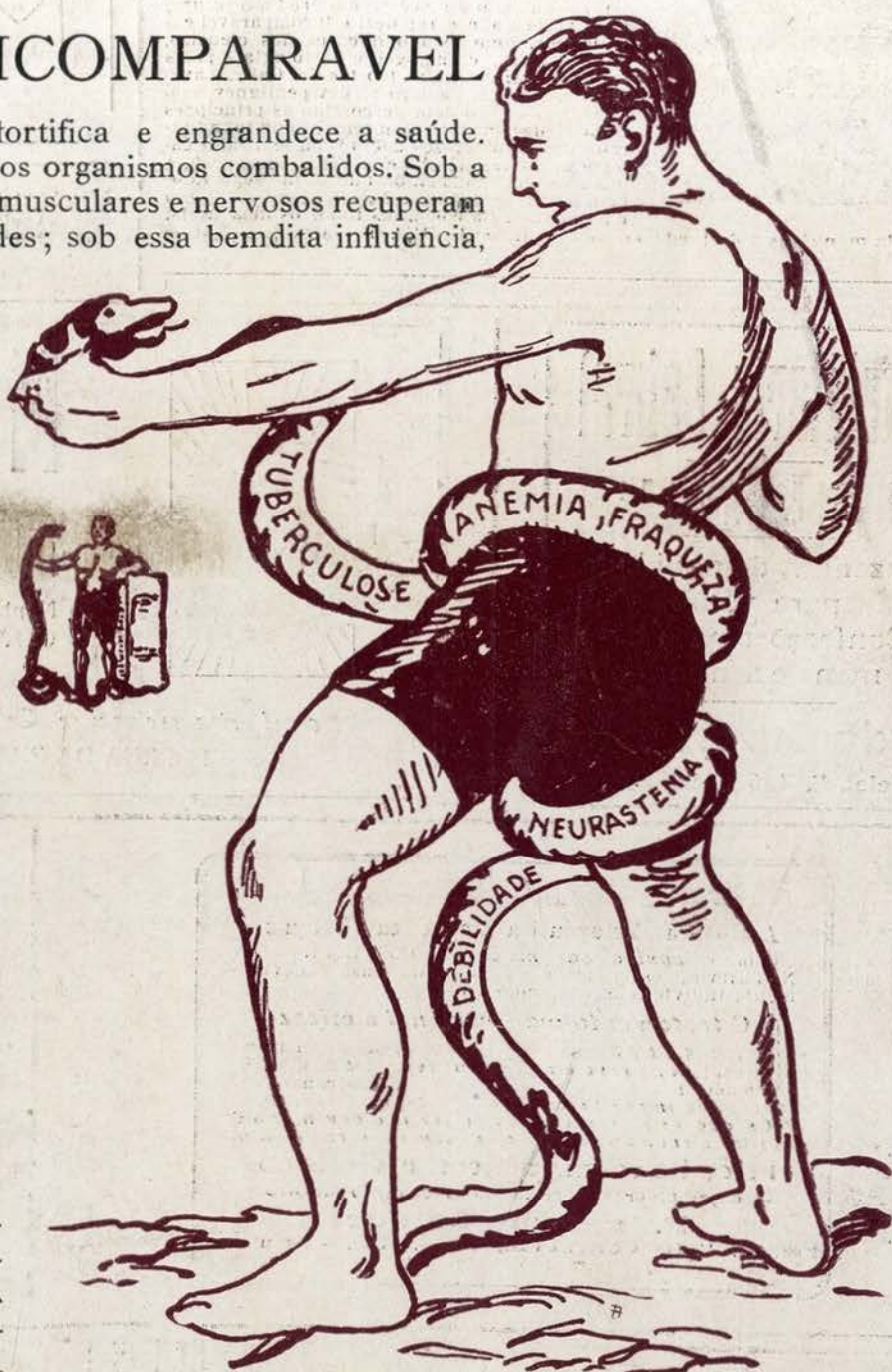
EMONEURA

TONICO INCOMPARAVEL

Estimula, desperta, fortifica e engrandece a saúde. E' a providencia unica dos organismos combalidos. Sob a sua influencia, os tecidos musculares e nervosos recuperam todas as suas propriedades; sob essa bemdita influencia, engrandecem-se as forças da medula espinhal e de todo o sistema nervoso-cerebral e do «grande simpático», sendo assim o EMONEURA um remedio efficacissimo da neurastenia. Actua em todos os casos em que ha desmineralisação do organismo ou enfraquecimento geral. Por isso, combate com exito a tuberculose, olinfatismo, a anemia, o escrofuloso, a clorose, a diabetes, os suores nocturnos, as afecções osseas, as hemorragias, o paludismo, o emagrecimento, a prostração fisica e intelectual, as perdas seminais, a prisão de ventre, a palidez, a debilidade senil, etc.

NÃO TEM DIETA DE ESPECIE ALGUMA.

TODA A CLASSE MEDICA DO PAIS O PREFERE E O PRECONISA COMO GRANDE MEDICAMENTO-ALIMENTO.



PREÇO, 3\$50

DEPOSITARIOS—Raul Gama—*Rua dos Douradores, 31*—Naar Bensliman & C.^a, L.^a—*Rua dos Correeiros, 110, 2.º*.

PORTO—Lourenço Ferreira Dias—*Rua das Flores, 157*.

LOANDA—Serra, Annés & Irmão, L.^a

DEPOSITO GERAL—Manuel J. Teixeira.

101, RUA POÇO DOS NEGROS, 101-A — LISBOA